



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

WILQUELINA PONCIANO DE LIRA

O REISADO CEARENSE COMO CALEIDOSCÓPIO DE EXPERIÊNCIAS IDENTITÁRIAS:
HÁBITOS, DIVERSIDADE, IDENTIDADE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Redenção
2014



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

WILQUELINA PONCIANO DE LIRA

O REISADO CEARENSE COMO CALEIDOSCÓPIO DE EXPERIÊNCIAS IDENTITÁRIAS:
HÁBITOS, DIVERSIDADE, IDENTIDADE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Orientador: Ramon Souza Capelle de Andrade

Redenção
2014

WILQUELINA PONCIANO

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (SIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

Ponciano, Wilquelina

P854r

O reisado cearense como caleidoscópio de experiências identitárias: hábitos, diversidade, identidade e expressão artística. / Wilquelina Ponciano. – Redenção, 2014.

37 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Ramon Souza Capelle de Andrade.

Inclui Referências.

1. Folia de Reis. 2. Reisado – Ceará. I. Título.

CDD 306.6098151

preenchimento posterior

À minha amada família, pelo esforço que
me possibilitou ter sido a primeira da
família a cursar ensino superior.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que, contemplados pela a magnitude do sentimento que envolve pais e filhos, me ofertaram todo o seu amor incondicional; sou extremamente grata à minha mãe, Luiza Maria, e ao meu pai, Francisco De Assis, por cada gesto de ternura e dedicação, pela a luta fugaz que tiveram que enfrentar perante as adversidades para proporcionar à mim e ao meu irmão uma vida mais prospera, pelo exemplo de pessoas que são, por me ensinarem de maneira mais simples e humilde, valores como respeito e dignidade. Vocês enchem o meu coração de orgulho e de emoção.

Agradecer à minha amada sobrinha, Mariana, pela a sua alegria contagiante que, por vezes, me arranca o riso, atribui sentido a minha vida e me impulsiona a viver.

Agradecer ao meu irmão e a minha a cunhada, Roberto e Mayara, pelo carinho, pelo suporte e pela torcida constante.

Agradecer às minhas amigas de infância e de toda a vida, Isabella, Iazmin e Iara, por concederem as suas sinceras e verdadeiras amizades, pelo companheirismo e lealdade, pelas as experiências compartilhadas, pelas histórias hilárias, pelas trocas de confidências, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos e por todo esse tempo.

À Família Teixeira, a quem agradeço na pessoa de Gervanha Teixeira, por serem como uma segunda família para mim, pelo acolhimento e amparo, pela a generosidade, pelo afeto e motivação.

Aos integrantes da Cia de Teatro aos Trancos e Barrancos, a quem agradeço na pessoa do ator e diretor Auricélio Mendes, pela nobreza em criar e tornar possível um projeto que transformou a minha vida e a realidade de muitos outros jovens e crianças do município de Guaiuba, por partilhar da paixão pelo teatro, pelas incríveis e memoráveis vivências em contato com arte, por me abrir novos horizontes, por lapidar a minha alma para o sonho e para a poesia.

Agradecer ao meu prezado orientador, Ramon Capelle, pelos ensinamentos, pela ajuda e apoio, pela paciência, pela confiança e liberdade para escrever este trabalho. Agradecer aos Professores Léia e Maurílio pela disponibilidade, por aceitarem o convite para a composição da banca e por lerem e avaliarem o trabalho.

Agradecer, também, aos meus inestimáveis professores desta universidade, em especial, Ivan Maia, Jeannette Ramos, Vera Rodrigues, Gledson Ribeiro, Monalisa Valente,

por acompanharem e contribuírem grandiosamente à minha trajetória acadêmica, pela inspiração de profissionais que são.

Agradecer aos laços de amizades criados desde o início da minha jornada no BHU, Erick, Kewliane, Ronald, Rangel, Iago, pelo conhecimento mútuo, pelo estímulo constante, por dividirem problemas e conquistas, pelos momentos de descontração e pela afeição.

Aos amigos vindos do continente africano, Jezabel, Carmen, Marco, Jeremias, pela experiência multicultural, ao qual tive a oportunidade de conhecê-los, durante esses últimos dois anos e meio, num espaço de convivência que tem como objetivo a integração da lusofonia afro-brasileira.

A arte existe porque a vida não basta.
Ferreira Goulart

RESUMO: Nosso objetivo, neste trabalho de conclusão de curso, consiste em caracterizar o reisado não apenas como representação popular e/ou religiosa, mas, também, e sobretudo, investigar a hipótese de que a identidade do reisado, como fenômeno cultural, estaria baseada em um conjunto de hábitos resultado da expressão do povo cearense. Em especial, o reisado cearense reúne e reproduz cores, formas, sons e histórias regionais em músicas, danças, figurinos e encenações teatrais. Argumentamos que a passagem do folguedo pelas ruas e cidades harmonicamente se desdobra como um imenso caleidoscópio de experiências identitárias, combinando matizes e semeando significados por onde quer que esteja.

Palavras-Chave: REISADO CEARENSE, IDENTIDADE E HÁBITOS.

ABSTRACT

Our purpose, in this work, is to characterize the “Reisado Cearense” not only as popular and/or religious representation but also, and especially, to investigate the hypothesis according to which the identity of the Reisado, as a cultural phenomenon, would be based on a set of habits resulting from the tradition of the people from Ceará. In particular, the “Reisado Cearense” gathers and translates colors, shapes, sounds and regional stories into songs, dances, costumes and theatrical performances. We argue that the passage of the Reisado in the streets harmonically unfolds itself as an immense kaleidoscope of identity experiences, combining tones and exhibiting meanings throughout its entire manifestation.

Key-words: Reisado, Habits and Identity

WILQUELINA PONCIANO DE LIRA

O REISADO CEARENSE COMO CALEIDOSCÓPIO DE EXPERIÊNCIAS IDENTITÁRIAS:
HÁBITOS, DIVERSIDADE, IDENTIDADE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade
UNILAB

Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes
UNILAB

Prof. Dr. Maurílio Machado Lima Júnior
UNILAB

Redenção
2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 Capítulo 1: Cultura como Sistema e reisado como manifestação cultural.....	13
1.1 Cultura – Teoria semiótica e Teoria Geral dos Sistemas.....	14
1.2 Cultura popular: hábitos e disposições.....	18
2.0 Capítulo 2 – O Reisado Cearense.....	23
2.1 O Reisado Cearense: O Reisado de Caretas e o Reisado de Congo.....	24
2.2 O Reisado e os <i>espaços da saudade</i> : a identidade cultural regionalista como produção ficcional.....	30
Considerações Finais.....	34
Referências Bibliográficas.....	35

INTRODUÇÃO

O debate teórico sobre identidade é central nos estudos culturais. Uma das dimensões desse debate pode ser expressa pela seguinte interrogação: como pode ser o caso, no atual contexto de globalização (no âmbito do qual “global” muitas vezes interfere e influencia os hábitos e valores culturais, resultando na fragmentação e surgimento de novas identidades, num processo de transformação contínua) que, no transcurso do tempo, a identidade das manifestações do reisado seja preservada e mantida constante?

O propósito deste trabalho consiste em contribuir (para) e explorar reflexões sobre os padrões de conduta que orientam as ações coletivas inscritas na identidade cultural do fenômeno do reisado cearense, em especial. Dessa forma, assumimos a hipótese de que a identidade cultural deriva de um conjunto de hábitos coletivamente constituídos e instituídos, isto é, a identidade cultural se constrói via emergência de uma unidade sistêmica (de natureza representacional e simbólica) incorporada pelos indivíduos, muitas vezes, de maneira inconsciente, incorporada, sobretudo, à luz da influência das fontes de poder, no processo amplo e dinamizado da interação social, ou nas experiências comunitárias, ao longo da vida.

Assim, no primeiro capítulo, abordamos uma possibilidade interpretativa acerca da concepção de cultura. Trabalhamos com a ideia de cultura se manifestar como um sistema semiótico cuja estrutura está patenteada na diversidade de hábitos, entre outros, dos signos, das representações expressas na identidade do sistema. Assim, o reisado, considerando seu conteúdo artístico e cultural, surge (e nossa interpretação e orientação epistemológica está baseada em autores como Peirce, Bourdieu, e na Teoria Geral dos Sistemas) como uma possível expressão da identidade fixada (ainda que mutável) em feixe de hábitos – uma análise parcialmente afim, também, a ideia de “cultura como teia”, formulada por Greetz. Procuramos, assim, caracterizar os hábitos e as disposições coletivas (imaginativamente concebidas e comportamentalmente externalizadas) que constituem e conferem identidade cultural ao reisado cearense. Afirmamos que os hábitos são, pois, potencialidades comportamentais, que se figuram como “habilidade de um modo peculiar de ajuste organizacional”, sobretudo pelo efeito das relações de condicionalidades, que trazem consigo a ideia de funcionalidade do comportamento no campo (no sentido de Bourdieu) que, de certo modo, constitui espaço que deflagra o processo de adequação circunstancial aos contextos da vida.

Nesse sentido, a partir da posse autoconsciente do feixe de hábitos, é possível reconhecer os padrões, modelos, preceitos, ao longo da história de uma pessoa, de um povo, como é o caso com o reisado como um produto (e/ou processo) de construção identitária.

Já no segundo capítulo, procuramos caracterizar o Reisado à luz de uma perspectiva descritiva e fenomenológica. Mais explicitamente, procuramos descrever, em linguagem que apela a elementos estéticos, bem como em linguagem de natureza mais científica e filosófica, a dinâmica de expressão do fenômeno do Reisado. Com base nessa descrição, elaborada a partir da nossa própria vivência cultural e observação do fenômeno, elencamos elementos e argumentos capazes de (acreditamos) reforçar nossa tese, elaborada no primeiro capítulo, de que o fenômeno do Reisado possui sua identidade cultural enraizada em hábitos coletivos, do povo cearense.

O Reisado, é o que desejamos indicar, passa pelas ruas deflagrando um mosaico de experiências estéticas (experiências qualitativamente agradáveis ou desejáveis para a percepção do público em audiência e em festa). Assim, por exemplo, a composição dos elementos do folguedo se manifesta em termos de abundância de riqueza e sutileza de detalhes. O cintilar das lantejoulas e luzes ou reflexos dos espelhos, o intenso colorido e o movimento das fitas de cetins, a beleza dos bordados e tecidos, as extravagâncias dos chapéus, a criatividade das máscaras e alegorias conferem, em integração sistêmica, expressividade e qualidades sensoriais desejáveis à passagem, ou desfile teatralizado, do Reisado enquanto manifestação cultural, artística e religiosa. No que se segue, pois, explicitaremos, em primeiro lugar, ou no primeiro capítulo, a estrutura conceitual, ou base teórica, da nossa interpretação do fenômeno do Reisado.

Capítulo 1: Cultura como Sistema e reisado como manifestação cultural

Este capítulo (de natureza mais teórica e conceitual) está assim organizado: 1.1 Cultura – Teoria semiótica e Teoria Geral dos Sistemas. 1.2 Cultura popular: hábitos e disposições.

1.1 Cultura – Teoria semiótica e Teoria Geral dos Sistemas

Dentro da perspectiva Weberina, Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas* (2011), propõe a ideia de pensar cultura à luz da concepção da Teoria Semiótica. Nesse sentido, e nas palavras do autor, lemos o seguinte:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2011, p. 04)

Assim sendo, segundo Geertz, *Cultura* é uma teia. É o enredo de significados historicamente construído pelo homem e amarrado aos hábitos coletivos de um povo. Uma vez que a teia não é outra coisa senão um conjunto de fios produzidos por aranhas, ou por qualquer artefato, de qualquer natureza, que expressa um emaranhado de fios em conexão harmônica, *cultura* quer justamente representar essa forma como emaranhado e a análise semiótica, ao remeter à questão do significado, permite a interpretação dos modos de ser e de agir de um povo ou cultura. Logo, *cultura* e *comportamento* são resultados das ações simbólicas. De fato, os símbolos culturais (ícones das representações habituais coletivas de um povo) são, em todas as suas variedades e exuberâncias, apreendidos e se expressam como fenômenos identitários, como aquilo que é representativo à nós (coletivamente) e à mim (pessoalmente). Numa interpretação sobre o conceito de *significado*, partindo do verbo *significar*, tal verbo pode ser compreendido como processo de “expressar o sentido de algo”, pois as acepções das coisas, no plano das percepções, se dão por meio da leitura e/ou tradução dos signos. Os signos são, ao mesmo tempo, elementos de representações e modos de linguagens. Ou seja, a percepção da Cruz, como um objeto, por exemplo, transporta, para um cristão um signo, imagem mental ou representação da cruz, representação que, por sua vez, traz em si o significado “sacrifício de Cristo”. Desde os primórdios, o ser humano se apropriou dos signos para se situar (significar o que o rodeia) e se comunicar no mundo, de um modo geral. Com efeito, como sistemas sógnicos, a cultura é tida como uma rede de intelecções significativas, um conjunto de hábitos, que manifesta, por diferentes formas, o sentido de ser de algo, de alguém ou de um povo. Cultura é, por conseguinte, o *dever*, do “tornar a ser” filosófico; àquele que confere forma e não permanece fixo, como diz Heráclito (2000).

Esta concepção nos parece mais flexível e matizada para se entender cultura no sentido como se expressa o referido. Pois, o referido se configura realmente como uma

manifestação cultural desenhada em teias habituais, formado por uma armação de significados igualmente habituais. Uma forma complexa dos elementos representativos. Uma unidade de diversidades. Dinamismo. É a criação, a preservação, o aprimoramento. É tudo aquilo que o indivíduo é, se tornou e tem se tornando. É a tomada de consciência. A razão e emoção. Ou melhor, o lirismo. A poesia nas coisas. Vive do plantar, semear, cultivar. Isso significa, também, colher os frutos. Parte da necessidade inata do homem de atribuir sentido ao mundo em que vive e aos seus atos. É passado, presente e futuro. A tal da “árvore genealógica”, que não se restringe a termos genéticos. Talvez, uma figueira. Vem da raiz: tradição, memória, hábito e identidade. Cultura é isso, é aquilo. Cultura nunca é universal. Mas, ela pode ser ocidental, oriental, africana, do Zé da padaria. Até, dizem por aí que cultura é conhecimento/educação. Enfim, cultura é sempre mais (é difícil, assim, e pelo acima exposto, “enquadrar” cultura em um contexto, para satisfazer, sobretudo, a necessidade acadêmica de elaboração de um trabalho e/ou a tendência humana de categorizar o mundo e operar semioticamente com conceitos; isto posto, e ainda assim, se tivéssemos que tentar um “enquadramento”, parcial e imperfeito, do conceito “cultura”, arriscaríamos a dizer que a cultura constitui expressão de uma teia de hábitos coletivos, gerais para um povo, mas, ao mesmo tempo, particulares para povos distintos, geográfica e semioticamente. Ou seja, levando em consideração às múltiplas possibilidades de atribuição de significados distintos para percepções ou eventos semelhantes – para um cristão, a percepção da Cruz remete ao significado “sacrifício de Cristo, para uma pessoa de uma comunidade não cristã ou cristianizada, a percepção da Cruz não passa da percepção sensorial de uma mera forma geométrica, destituída, inicialmente, de qualquer significado especial ou intrínseco –, a cultura do povo X é, mais ou menos geral, para os integrantes de X e, mais ou menos (devido à globalização e padronização de significados na superfície do planeta terra) particular para Y, e o contrário vale na outra direção. Seja como for, e como teia de hábitos, concebemos a cultura como um conjunto de significados extraídos dos signos ou das interações semióticas cuja soma se traduz em totalidade.

Com essas referências, formulamos a nossa interpretação acerca do fenômeno do reisado com base na noção ou conceito, acima esboçado, de cultura. Assim, à luz da metáfora de Geertz segundo a qual cultura pode ser concebida como uma teia, entendemos, então, o reisado como um caleidoscópio de experiências idenitárias, cuja forma é conferida pelos hábitos (religiosos, de festejo e sociais) do povo. Considerando a definição epistemológica da palavra *caleidoscópio*, tal palavra deriva do grego *Kállos* (beleza) + *eidós* (o que é visto, forma) + *scópio* (olhar para, observar), podemos entender o reisado como a manifestação do

belo que se expressa em diferentes formas. Isto é, o reisado é um folguedo formado por um grupo de brincantes, que reúne mitos, crenças, lendas, práticas e saberes que, através da luz da memória e da tradição, refletem combinações variadas da beleza envolvida no folclore popular. “Caleidoscopicamente” falando, o reisado é, por conseguinte, o conjunto de coisas que se seguem, que sucedem, mudando. Sua dinamicidade se instaura a cada movimento, a cada mudança do foco de luz. É, então, a atualização da sua própria imagem como totalidade habitual e coletiva. No Brasil, é a transformação imagética do Reisado Alagoano, do Sergipano, do Paulistano etc. Do Reisado de Congo, de Caretas, de Caboclos, de Bailes.

De acordo com David Schneider (1986), e na mesma linha de Geertz, a “*Cultura é um sistema de símbolos e significados*”. Nesta monografia de conclusão de curso, o reisado cearense, dado a condição de manifestação cultural, também está associado ao conceito de sistema (totalidade organizada), uma cultura vez que, como já acima destacado, a cultura se manifesta como um conjunto de hábitos coletivos, incluindo hábitos religiosos, “festivos”, e de natureza estética. Assim, assumimos a hipótese de a cultura (ou a identidade cultural) ser estabelecida com base em um conjunto de hábitos ou práticas compartilhadas e significativas, integradas em uma totalidade sistêmica dinamicamente organizada ou sempre em permanente e constante auto-organização.

Podemos caracterizar um *sistema* como uma unidade complexa e organizada, “formada por um conjunto não vazio de elementos ativos que mantêm relações, com características de invariância no tempo que lhe garantem a sua própria identidade” (BRESCIANI e D’OTTAVIANO, 2004, p. 239). O conjunto não-vazio de elementos de um sistema é o universo da estrutura do sistema; um conjunto é um “*acervo de elementos que compartilham ao menos uma propriedade*”. O reisado pode ser, nesse sentido, concebido como um sistema que integra, unifica e organiza a performance artística ou os papéis desempenhados pelo seus mais diversos elementos. No caso do reisado, a propriedade que caracteriza e define o conjunto de elementos é a própria participação no folguedo, enraizada e definida na cultura popular e nas representações dos participantes. Os brincantes são os elementos da estrutura do festejo. A estrutura, por sua vez, representa a forma organizada, lúdica e mística pela qual os brincantes entram e saem de cena, tendo seus mais diversos papéis como roteiro para festa. O roteiro a ser seguido pelos diversos participante faz parte, também, da estrutura do folguedo como sistema.

Outra caracterização de sistema é: “um *sistema* é uma estrutura, um conjunto de elementos e relações, dotada de funcionalidade”. A funcionalidade está associada ao desempenho de um conjunto de tarefas pelo sistema. Por exemplo, a função do sistema de

hábitos é a de estabelecer ajustes habilidosos do indivíduo às circunstâncias que ocorrem em seu contexto. Já os elementos de um sistema podem ser divididos em: (i) “elementos de importação”, (ii) “elementos do processo de transformação interna” e (iii) “elementos de exportação”. Esses elementos formam as partes do sistema (podendo ser considerados, também, como subsistemas). Podemos assim pensar, em uma aproximação parcial e provisória, que a funcionalidade do reisado como sistema é o encantamento do povo, a produção de emoções e o despertar, na multidão, de experiências artísticas ou estéticas. Na próxima seção, vamos trabalhar o conceito de hábito e de disposição. Como um hábito expressa uma relação, os hábitos podem ser pensados como os componentes da organização subjacente à estrutura de um sistema e, no caso do reisado, são hábitos adquiridos pelos brincantes que definem, como organização, a conduta a ser adotada por eles, como brincar, o que fazer, quando entrar, quando sair de cena. O que recitar ou cantar, como se comportar em harmonia com o todo, com a própria passagem do folgado pelas ruas da cidade.

1.2 Cultura popular: hábitos e disposições

De acordo com o filósofo Charles Peirce (1958), um hábito constitui uma *prontidão para se comportar do modo X na presença da circunstância Y*. As práticas do reisado possuem, também, a forma de (e são organizadas por) hábitos. Assim, por exemplo, na presença de Y (meses de dezembro à janeiro) o comportamento X (iniciar o festejo do reisado) é adotado pelos agentes que fazem parte dos mais diversos grupos de festejos espalhados pelo Brasil. A nossa hipótese é que a identidade do reisado, como fenômeno cultural, estaria ancorada em um conjunto de hábitos (*um sistema que reconhece a si mesmo como unidade autoconsciente que festeja, encanta e contagia os integrantes da cultura nordestina*). Mas esses hábitos não seriam propriamente hábitos individuais (que conferiam identidade pessoal ao agente), mas, antes, e mais propriamente, hábitos coletivos (que conferiam identidade cultural ao fenômeno do reisado).

Um hábito fornece um modo habilidoso (“não-reflexivo-mas-racional”) de ajuste do sistema/agente ao mundo. Um hábito é, por conseguinte, caracterizado como um componente da organização da estrutura que subjaz ao sistema psicocomportamental da pessoa, e que com ela (a estrutura) se identifica. Propormos, desse modo, caracterizar o hábito como um padrão regular de comportamento e ação.

Através dos estudos dos hábitos é possível compreender os comportamentos individuais e coletivos expor como os modelos de comportamento são incorporados pela sociedade ou cultura, explicitando, ainda, como as pessoas reproduzem e se ajustam a esses modelos (BOURDIEU, 2007). Nessa linha, Pierre Bourdieu (2007) define o conceito de “*habitus*” (sistema psicocomportamental organizado) como um conjunto de relações de “disposicionalidade” (condicionalidade) duráveis e transferíveis, uma “*subjetividade socializada*” (de natureza habitual). Sob a concepção de interligação entre a ideia de *habitus* e a ideia de campo, Bourdieu argumenta que “[...] todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é condição de seu funcionamento” (BOURDIEU, 1990, p. 127). Bourdieu reconhece que o campo e o ambiente são influências fundamentais sobre as relações de condicionalidade (*habitus*) e constituem o que confere organização à estrutura e funcionalidade a um sistema; e, portanto, “*habitus*” são essenciais para caracterizar a organização estruturada e estruturante de um agente/sistema.

Contudo, a tarefa de um hábito é a de instanciar ajustes habilidosos dos agentes às circunstâncias que ocorrem em seu contexto, concebendo como estrutura um sistema (conjunto de elementos e relações) dotado de funcionalidade. Essa funcionalidade, segundo

Bourdieu, se estabelece, principalmente, quando os ajustamentos são, a todo instante, impostos pelas “necessidades de adaptação às circunstâncias adversas (novas) e inesperadas”. Também, a funcionalidade, em certa medida, e em alguns casos, cumpre uma tarefa determinante nas transformações duráveis do *hábitus*. Se *A* acontece (manifestação do reisado fora da época do festejo), em virtude da posse do hábito (manifestar o reisado todos os anos), como um curso comportamental *B* (impulsionar a continuidade e fortalecer a durabilidade da tradição do folguedo no mundo contemporâneo (consequente)), em geral habilidoso, apto a ser efetivamente instaurado. Isso porque, “[...] o *hábitus* define a percepção (processo de adaptação do sistema) da situação que o determina (circunstância)” (BOURDIEU, 1983, p.106). (grifo meu)

Além disso, entendemos um hábito como uma *relação fixa* (mas quebrável) inscrita no sistema psicocomportamental. Essa relação se dá pela organização da conjuntura do hábito, já que ela se manifesta pela não aleatoriedade da conexão entre um antecedente (representativo de uma circunstância) e um curso comportamental (ou consequente) em geral adotado pelo agente. Tal conjuntura é fraca e, assim, deixa espaço para novas criações, ajuste ou alteração das relações fixas que fazem parte da organização psicocomportamental do agente. Assim, o agente, para alterar sua identidade/funcionalidade como sistema, teria que estabelecer novas relações de condicionalidade (como hábitos). Novas relações de condicionalidade, entre elementos e participantes do reisado (acréscimo de personagens e manifestações comportamentais no contexto do festejo), seriam necessárias ou estariam presentes em qualquer transformação ou alteração, mudança ao longo do tempo, dessa manifestação cultural.

Embora, o reisado compartilhe de um significado comum: festa folclórica e popular, ancorada numa origem ibérica, o folguedo é, sobretudo, no que envolve toda a sua complexidade e plasticidade, um caleidoscópio de experiências estéticas e identitárias que visa, a todo momento, se reafirmar no meio então desejado. Como um caleidoscópio, o reisado torna-se um polo de interlocuções (reajustáveis), ora refletindo influências da cultura africana (NUNES, 2011), ora possibilitando a fusão das culturas regionais brasileiras, ora oferecendo combinações variáveis de execução e criação das especificidades de cada grupo.

Uma vez que o reisado opera num determinado espaço, ele se submete à um processo de adaptação e /ou incorporação ao meio estabelecido (adotando novas relações de condicionalidade). E isso implica na caracterização da tipologia do reisado, principalmente, nas classificações instituídas a partir da noção de territorialidade. Essa “territorialidade” não

se restringe à demarcação de terras, mas se sobressai por meio dos fatores culturais que envolvem cada território. Nessa perspectiva, do mesmo modo que o “reisado cearense” é nomeado como tal por ser considerado um expoente da cultura cearense (e não apenas por estar localizado no estado do Ceará), o reisado alagoano também é tido e se expressa como fator identitário do estado de Alagoas. Assim, enquanto o “Reisado de Caretas” (formado por uma teia ou conjunto de hábitos de festejo) é um tipo de reisado marcante e característico do reisado cearense que engloba em si elementos de destaque dessa cultura, em Alagoas, o “Reisado de Congos” (formado por outra – em maior ou menor grau diferente do cearense – teia ou conjunto de hábitos de festejo) denota-se como o modelo de reisado mais praticado em e representativo dos reisados alagoanos.

Procuraremos caracterizar o que entendemos constituir duas modalidades distintas de hábitos psicocomportamentais, os *hábitos que expressam traços da identidade do sistema* e os *hábitos adaptativos racionais* e os *hábitos adaptativos degenerados*.

Nesse âmbito, os hábitos que expressam traços da identidade do sistema não variariam de contexto para contexto porque a suas prescrições condicionais tendem a ser mais fortes, dentro da determinação (da conduta) fraca dos hábitos. Diante disso, apontamos, entre as diversas manifestações, uma similaridade habitual incontestável, que não se altera de contexto para contexto, capaz de atribuir uma identidade ao reisado enquanto reisado: o mito de origem (representado no comportamento dos brincantes) e o cunho religioso (presente em qualquer reisado).

O reisado cearense é uma manifestação popular-artístico-cultural-religiosa que representa um cortejo em celebração ao ciclo natalino. Alguns reisados possuem características religioso-cristãs com aspectos reseiros mais evidentes, nos quais as parábolas sacras estão sempre em foco. Em outros, e considerando o nordeste, as histórias e lendas da vida cotidiana são as principais narrativas a serem interpretadas, muitas vezes, estando em conexão com o divino. Assim sendo, o sagrado e o profano estão sempre contextualizados nos enredos do reisado.

Não deixa de ser curioso, e não por mera coincidência ou simples acaso, que um dos principais motivos que resultou na existência desse festejo tenha sido a tão surpreendente devoção de um povo para com Deus e seu filho (Jesus). Devoção essa envolvida nas práticas artístico-culturais em conexão com experiências religiosas do catolicismo popular; ou a bendita fé que celebra em tempos difíceis o nascimento do Menino Jesus – marco do renascimento espiritual da parcela da humanidade de tradição judaico-cristã – no qual Jesus foi encarregado de cumprir a esperançosa promessa feita a Abraão: “*E em ti e na tua*

descendência serão benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 28:14).

Por detrás deste culto à divindade há, também, o profano numa dicotomia com o sagrado que, a todo instante, delineia-se com empenhamento o eixo central do reisado: *a conservação e a continuidade identitária*, como superação de todas as circunstâncias adversas relacionadas, em particular, com tempo e espaço. Eis, em nossa perspectiva, como o sagrado e o profano estão sobrepostos e conectados de uma maneira quase visceral nesta manifestação. Isso porque “[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo o homem ao longo da sua história” (ELIADE, 2001, p. 14-15). Sob essa concepção, Mircea Eliade reconhece a dualidade de tempos: o tempo profano que compreende os atos e as relações cotidianas desprovidas de significado religioso, por exemplo, é aquele momento em que o reisado deixa de ser apenas uma encenação periódica de uma parábola bíblica dos Três Reis Magos e se torna um movimento social que vivencia, na tradição popular, os conhecimentos e as expressões de sua cultura, valorizando aspectos que fazem parte da memória, do patrimônio material e simbólico (dos hábitos coletivos) de um povo; e também o tempo sagrado, desembocando em uma dimensão esférica, é algo que permanece incessante e recorrente, ou seja, a fênix instaurada no presente eterno (todos os anos (como o antecedente lógico de um hábito operativo em uma cultura) há um período especial, um espaço/momento sacralizado, reservado para o ressurgimento do reisado). Logo, por isso, o reisado desenha-se nesse dualismo cuja coexistência deriva simultaneamente, aos nossos olhos, do simbolismo místico cristão (sagrado) atribuído ao folguedo que investe, sobretudo na pretensão de expô-lo a partir de uma manifestação popular (profano).

Já os hábitos racionais para um grupo de pessoas ou indivíduos, no caso, em especial, do reisado, tendem a promover o ajuste (através de respostas comportamentais exitosas) do sistema ao contexto, e, dadas razões para tanto, podem ser alterados e redefinidos pelo sistema/agente. Desse modo, por exemplo, na presença de Y (período entre os dias 24 de Dezembro – véspera de Natal - à 06 de Janeiro - Dia de Reis, ocasião em que acontece as festividades dos cristãos em celebração ao “Nascimento do Salvador” e a expressão de Jesus como “Filho de Deus”), já contamos de antemão, com o comportamento X (momento que o reisado se manifesta com maior frequência) para ser (ou tendendo a ser) adotado pelos os sujeitos que fazem parte dos reisados. Mas, esses hábitos também podem ser alterados caso se apresentem razões para tanto. Logo, essa conduta se dá pela atitude de alguns grupos de reisados, também, passarem a se apresentar em diversas datas ao longo do ano, a fim de instaurar continuidade à tradição, de modo a expô-la, a traduzi-la e a ensina-la para que essa

prática cultural não resulte num processo de extinção e ou esquecimento. Ainda, durante os meses que sucedem a “época do reisado”, os integrantes, junto com a comunidade, trabalham em comunhão na elaboração de toda a estética artística atribuída ao festejo, além de oferecer oficinas de aprendizagem da manifestação, proporcionando, assim, oportunidades de integração (e aquisição dos hábitos estruturadores do festejo) para novos participantes.

À luz do exposto, fundamentados pela *Filosofia de Peirce e o conceito de habitus de Bourdieu*, sugerimos que a concepção de identidade cultural no fenômeno do reisado estaria assentada (ou emergiria) dos hábitos coletivos. De acordo com o Bourdieu, esses *habitus* coletivos resultariam de uma rede de relações que integra múltiplos agentes e *campos*. Essa relação remete à vida comunitária, já que a comunidade se destaca por ser um espaço privilegiado para cooperação e reconhecimento do sentido recíproco (função do significado compartilhado) da humanidade. A comunidade possui papel fundamental no estabelecimento da identidade coletiva-pessoal, ela é responsável (através de uma manifestação popular, por exemplo) por repassar aos indivíduos os estilos de vida, os princípios políticos, morais, éticos e estéticos.

A rua, por possibilitar uma grande capacidade de mobilização social, acaba por ser, também, palco (campo, no sentido de Bourdieu) de apresentação (ou representação habitual) do reisado. Por meio de toda a estética atribuída a esse festejo, é possível estabelecer, de maneira inconsciente, um processo pedagógico de formação desse telespectador e/ou participante/brincante como imperativo de reafirmação e durabilidade identitária. Sendo assim, os valores conferem forma e inteligibilidade às condutas e, portanto, aos hábitos individuais e coletivos transmitidos de geração para geração.

Percebemos, dessa forma, que os hábitos psicocomportamentais de um agente ativo cultural (e de um fenômeno cultural como o reisado) constitui reflexo de ações externas, que são interiorizadas e incorporadas pela pessoa em função dos contextos de vida e experiências pessoais. De um ou outro modo, os hábitos são herança de continuidade e durabilidade identitária grupal da comunidade para a qual essa transmissão cultural seja fator de coesão e identidade coletiva e individual. Mais ainda, os hábitos nos fazem refletir e reconhecer os preconceitos, as crenças, significados e as suposições herdadas, muitas vezes, pelas “fontes de poder”, e que pode nos revelar as razões possíveis de explicar esse problema com o objetivo de se buscar soluções cabíveis à melhoria da sociedade (BOURDIEU, 2007). No próximo capítulo, procuraremos caracterizar, por meio de uma descrição que faz apelo à fenomenologia da passagem do folguedo, a dinâmica de expressão e manifestação do reisado.

Capítulo 2 – O Reisado Cearense

Este capítulo (de natureza mais descritiva, fenomenológica e observacional) está assim organizado: 2.2 O Reisado Cearense: O Reisado de Caretas e o Reisado de Congo. O Reisado e os *espaços da saudade*: a identidade cultural regionalista como produção ficcional.

2.1 – O Reisado Cearense: O Reisado de Caretas e o Reisado de Congo

“Nenhuma ciência possui como o folclore maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heróico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo”.

Câmara Cascudo.

“Ô Senhor, dono da casa, abra a porta e acenda a luz” para presenciar e se extasiar na atmosfera do espetáculo que reúne e reproduz cores, formas, sons e histórias regionais em figurinos, danças, músicas e encenações teatrais. “Ô de casa, ô de fora” contemplem a beleza de um foguedo de vasta complexidade sistêmica, uma vez que engloba elementos provenientes de diversas culturas (tais como a europeia, a africana e a fusão de componentes das culturas regionais brasileiras). Assim, o reisado cearense, na passagem pelas ruas e cidades, se desdobra como um imenso caleidoscópio cultural, combinando matizes e semeando significados por onde quer que esteja.

É importante, aqui, frisar que o nosso principal objetivo nesse trabalho de conclusão de curso consiste em analisar e identificar, no reisado cearense, parte da organização de um sistema psicocomportamental derivada de um feixe de hábitos integrados em uma totalidade. Sendo assim, e mais explicitamente, o objetivo deste trabalho é, sem perder o apreço pelas diferentes manifestações do festejo, descrever e caracterizar o reisado como fenômeno cultural que emerge de um feixe de hábitos coletivos. Tais hábitos, coletivamente concebidos, confeririam forma e identidade ao festejo.

Diante disso, buscando desenvolver um estudo sobre o reisado cearense, em especial, na caracterização do que "seria" e/ou "é" esse festejo, a fim de formulamos uma espécie de "perfil" dessa manifestação, possibilitando, assim, uma melhor compreensão da nossa principal hipótese de pesquisa (parte da organização do sistema psicocomportamental de um agente é derivada de um feixe de hábitos), trabalharemos com duas tipologias de reisados mais numerosas no Ceará: o Reisado de Caretas e o Reisado de Congo.

Os Reisados de Caretas e os Reisados do Congo são destaques quando se fala em reisado cearense. Ambos estão presentes em todo o território. Enquanto os Reisados de Caretas (ou de couro) são mais frequentes no Sertão Central, onde o ciclo do gado influenciou a vida do sertanejo, os Reisados de Congo encontram-se, principalmente, na região do Cariri.

A escolha por tais tipos de reisados é resultado das dificuldades de formulação de uma identidade do reisado enquanto manifestação cultural inteiramente descritível e geral. Já que há o problema de nomeação em que se atribui uma espécie de generalização a todos os

tipos de reisados, grupos e manifestações similares a esse folguedo. Basta-nos referenciar a estrutura dos tipos de reisados citados anteriormente, além do Reisado de Baile, também presente no Ceará, por exemplo, para expressar a diversidade do festejo. Desta forma, a partir da análise do Reisado de Caretas e do Reisado do Congo, será possível conceber uma possibilidade, dentre tantas outras, de atribuir identidade ao reisado cearense como tal.

Isso exposto, e considerando que é problemática a tentativa de procurar formas estáticas e estáveis para a caracterização e classificação do reisado, procuraremos, contudo, semelhanças habituais entre as diversas manifestações, semelhanças que apontariam para (e fundamentariam) a identidade de tal festejo.

O reisado faz do terreiro, da rua, da praça, o seu palco. Curiosas, as primeiras pessoas começam a ocupar os arredores do local da apresentação, formando um grande círculo no aguardo da tão esperada hora. Crianças eufóricas disputam, entre elas, os melhores lugares na fileira da frente, algumas até se sentam no chão de terra úmida, que acabara de ser regada para atenuar a quentura que ficara depois de um dia de sol, e que ainda exala o aroma e o fervor do mormaço do Sertão. É exatamente desse lugar, do chão, que é possível se ter uma visão privilegiada do personagem mais encantador e misterioso do folguedo: o Boi. Quem dá vida ao Boi? Será alguma pessoa, um homem ou uma mulher? O Boi é mágico?

Já posicionados nas laterais da grande roda, o sanfoneiro puxa o fole seguido pelos outros instrumentistas: o zabumbeiro, o triangulista, o percussionista, o violonista e etc (essa é a composição base do regional do folguedo, podendo ser alterado de acordo com as preferências de cada grupo). Geralmente, as suas vestes são simples e padronizadas, de modo a destacar a sua participação não efetiva no enredo, se diferenciando das demais figuras e, assim sendo, estabelecendo apenas a função de orquestrá-la.

Então, é anunciada a chegada do reisado. Ouvem-se as vozes marcantes do mestre e contramestre cantando a música de abertura e fazendo as primeiras atuações, convidando o público à presenciar um verdadeiro espetáculo do folclore popular. Caracterizados de uma maneira elegante e com máscaras exóticas, eles são responsáveis por toda a regência da apresentação, entrada e saída, são os narradores das peças e comandam as performances musicais.

A composição dos figurinos do reisado se destaca pela riqueza de detalhes, o brilho das lantejoulas e o reflexo dos espelhos, o colorido e o balanço das fitas de cetins, a beleza dos bordados e as variedades de tecidos, as extravagâncias dos chapéus, a criatividade das máscaras e alegorias conferem vivacidade e provocam dinamismo a esse espetáculo. Todo o luxo atribuído a alguns grupos não significa subtração do encanto da simplicidade de outros

reisados. É característico do Reisado de Caretas vestes que dão ênfase à cultura sertaneja. Nessa perspectiva, as fantasias possuem essa representação, por exemplo, o estilo das vestimentas de Maria Bonita e Lampião. Até a maioria dos integrantes dessa espécie de reisado improvisam figurinos utilizando peças de roupas que fazem parte do seu próprio dia-a-dia.

Quanto ao repertório das músicas do reisado, as canções formam um complexo retumbante de diversidades musicais possibilitando, com efeito, variâncias melódicas de acordo com as especificidades de cada grupo. Algumas composições, tidas como tradicionais, ainda estão presentes na maioria dos reisados cearense, de modo a evidenciar a persistência, ou mesmo, a resistência desse festejo para com o tempo e as adversidades. As letras que configuram as composições dessa manifestação sofrem, a todo instante, constantes transduções (novidades qualitativas emergentes) e alterações na incorporação aos contextos culturais no qual os grupos estão inseridos ou fazem parte, da mesma forma que os diversos fenômenos artísticos que a compõe. Há, também, produções de canções próprias, acentuando a autenticidade de um determinado reisado. E sem esquecer das danças que dão movimento à esse espetáculo, os passos que o caracterizam são dos mais variáveis: Corrupio, Gingá, Engruzado, Maquila e etc.

Num cortejo, os outros componentes entram em cena. “Ô abre alas” que o Rei e a Rainha (congos) querem festejar, o Velho e a Velha (caretas) querem celebrar, o Boi quer rodopiar. A primeira cena é destinada a louvação ao Divino. Essa parte representa a visita do três reis magos, desta forma, possuindo a relação de retomada de “[...] um Tempo mítico primordial tornando presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios” (ELIADE, 1992, p. 38).

Tempo original (...) “a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim sua reatualização” (ELIADE, 1992, p.44). A passagem do reisado pelas ruas constitui a atualização da potencialidade para brincar dos atores e da potencialidade para encantar e celebrar do festejo como sistema. Quando o reisado passa pelas ruas, ele se atualiza. É como a solubilidade, como disposição, do sal. O sal tem a disposição para se dissolver em água. O sal, fora da água, não está dissolvido (mas a solubilidade em água permanece em potência). Mas, uma vez colocado em água, a disposição se atualiza, passa da potência (solubilidade) ao ato (sal dissolvido). Ao passar pelas ruas, os movimentos e representações, cânticos e canções do folguedo se atualizam, passam, irradiando emoções, e encantando a multidão, da potência a ato (movimento organizado de brincadeiras, cantos e

representações). Nesse mesmo sentido, Eliade diz que no âmbito das festas religiosas, instala-se o que ele chama de Tempo e o Espaço primordial, onde cada ser ou acontecimento ocupa um lugar determinado e funda-se na origem das obras divinas. Os vários tipos de Reisado têm seus significados explicados por fatos que ocorreram por ocasião de seu ato fundador, o nascimento de Cristo, visto pelos brincantes como o começo de um novo mundo, o início da era atual.

O rei e a rainha, “veio” e a “veia” são os casais de destaque do Reisado de Congos e do Reisado de Caretas, respectivamente. Com os melhores trajes, as “vossas majestades”, e com vestimentas engraçadas, as “vossas senhorias”, trazem consigo uma bela faixa com o nome, o símbolo e a data de fundação do grupo. No ritmo da música, eles dançam o “arrasta pé” e “levantam a poeira” numa animação própria de quem quer envolver o público para se juntar à brincadeira. Logo, uma melodia é cantada especialmente para aquela ocasião. Enquanto isso, os outros integrantes se espalham no espaço compondo o espetáculo.

Com o objetivo de potencializar os verdadeiros personagens da realidade regional, o “veio” e a “veia”, são os estereótipos das pessoas idosas da terra, geralmente, gente oriunda de uma classe social desfavorecida, mas bastante valorizada e respeitada pelas outras faixas etárias por sua sabedoria e experiência de vida. A respeito do O Rei e da Rainha (personagem obrigatória na parte dos Quilombos): são figuras que compõem hierarquias nos Reisados de Congo, tendo inspirações nas cortes medievais europeias e na estrutura hierarquia dos engenhos de açúcar.

Em seguida, realizam-se as produções teatrais e/ou entremeios. Estas são sátiras sobre fatos ou acontecimentos ligados à experiência cotidiana das pessoas ou do povo da região (e expressam, assim, os hábitos coletivos – como base das críticas – e aquilo que, de modo geral, desvia do coletivamente aceito como relevante ou desejável (o que é criticado). O Jaraguá, Guriabá, Boi, Burrinha, Veadinho, Mamãe Velha, o Tio Anastácio, a Alma e o Cão, o Babau, a Caipora são os entremeios mais costumeiros. Ou seja, os entremeios são personagens do cenário popular que participam em cena quando são convocados. Eles animam e encantam ainda mais a festa. É nesse momento que aparecem o par cômico da tiração mais divertida dessa manifestação: Catirina e Mateus na brincadeira do Boi.

Os entremeios constituem a parte do reisado mais afeita à influência da identidade local – manifestação mais forte dos hábitos que expressam traços da identidade do sistema – porque nestes, especialmente, estão registrados os aspectos mais significativos, representativos e singulares da identidade coletiva. Ora, são nos entremeios que está sendo retratado o nosso modo peculiar de vida, de ser no mundo, uma vez que, na condição de

contos e lendas representativos da identidade dos sistemas/agentes, esses traços seriam o que mais externalizariam as especificidades dos grupos de reisado, ou seja, os entremeios evidenciariam a “expoente cultural” desse folgado no sentido de se debruçar em expressar a identidade coletiva do contexto e/ou comunidade onde esse reisado se insere.

A “cearensidade”, por exemplo, pode ser considerada uma espécie de “assinatura coletiva”, algo que prontamente nos identifica e nos caracteriza como sujeitos que incorpora a cultura cearense. Esse sentimento pelo lugar de origem encontra-se no modo de cantar exaltando o sotaque arretado e puxado, nas músicas no formato de repente, nas variações linguísticas do famoso “*cearensês*”, nas danças ritmadas pelo forró, no bordado e no tecido de chita que compõem os figurinos dos brincantes do reisado e etc. Não admira, pois, que no reisado cearense, o entremeio “O Boi”, o próprio boi constitui o que confere a imagem do trabalho (cuidar de um rebanho de gado) do vaqueiro, do típico trabalhador sertanejo. Vale citar, ainda, Catirina e Mateus que designam os personagens genuínos da cultura popular nordestina.

Por conseguinte, também, o “O Boi” simboliza o momento mais envolvente e integrativo do reisado. Isto porque essa brincadeira cumpre uma função fundamental no estabelecimento de uma conexão adaptativa e harmoniosa entre os atores e o público externo. Nessa cena, todos os componentes e, também, o público, interagem com essa figura tão adversas

Após esses episódios é executado o último ato. No Reisado de Congo, os personagens encenam as Embaixadas e travam uma guerra entre Mouros e Cristãos num combate de espadas. A luta interpretada representa a tradição da cultura ibérica/luso-portuguesa. No Reisado de Caretas, desempenham-se o momento da Tabacada onde a Velha (mãe dos papangus) passa mau e desmaia. Antigamente, de acordo com a história oral, que quando as pessoas desmaiavam ou tinham ataques epiléticos, usava-se uma mistura de pimenta e tabaco para o indivíduo inalar e voltar a lucidez. O mesmo ocorre com a personagem após um dos caretas tentar reanima-la.

A voz do mestre, por fim, anuncia o encerramento da função e também da despedida do reisado. Ao som dos cânticos, os personagens dão adeus ao público, junto com os aplausos da agitada plateia. O boi teimoso permanece em cena, sendo o último a sair, realizando rodopios e interagindo com as pessoas que o provoca. “Eita, boi tinhoso!”. “Arriégua, esse boi é todo abirobado!”. “Puxa o rabo desse bicho danado...!!!”

O acima exposto pode ser considerado as estruturas básicas dos reisados cearenses. Porém é sempre importante salientar a heterogeneidade e autonomia que cada grupo possui

em acrescentar ou retirar, personagens, entremeios, instrumentos, cenas teatrais, entre outros. Comprendemos, assim, o reisado como um fenômeno diversificado que possui tipologias plurais e especificidades grupais tornando, por conseguinte, o reisado bem dinâmico. Na próxima seção, procuraremos indicar que o fenômeno do Reisado possui, também, uma dimensão imaginativa, que antecede e orienta a produção dos hábitos coletivos do folguedo enquanto manifestação cultural.

2.2 – O Reisado e os *espaços da saudade*: a identidade cultural regionalista como produção ficcional

O reisado – eis um elemento constituinte da identidade cultural do povo cearense, ao qual fomenta, também, a “paisagem imaginária” da unidade significativa chamada Nordeste. E, no entanto, essa identidade em relação ao espaço onde está situada pode ser pensada, também, à luz do papel da imaginação coletiva, como uma produção artística e cultural desenvolvida a partir de um projeto político e ideológico imaginado e concebido, anterior à aquisição e transformação dos próprios hábitos, que geram comportamentos, do folguedo. Assim como nós mesmos, à luz dos nossos propósitos individuais, imaginamos, estabelecemos e concebemos estratégias e cursos possíveis de ação no mundo, anteriores à transformação e incorporação dessas mesmas estratégias e cursos possíveis em hábitos estruturadores de nossa conduta. Por que o Nordeste é apreendido e exaltado como o lugar dos reisados? O que faz o reisado ser considerado um expoente identitário de uma dada cultura, tal como a cearense, a nordestina?

Há, inicialmente, que sublinhar o seguinte: no Estado-nação moderno, a questão da identidade é central nos discursos sobre nação. Isso porque a “ideia” de nação, além daquela de entidade política, consiste, também, em compartilhar o “sentido de nação”: como sistema de representação e significado cultural. Nesse âmbito, sob o viés dos símbolos e das representações, Stuart Hall (2011) vê nas culturas nacionais uma “elaboração discursiva”:

“[...] um modo de construir sentidos [significados] que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas.” (HALL, 2011, p. 51).

Contudo, uma cultura nacional constitui-se como uma “*comunidade imaginada*”. Segundo Hall, à luz da concepção de Benedict Anderson, a nação é imaginada a partir de estratégias representacionais de elaboração sobre as noções de identidades no núcleo político do senso comum. O discurso, então, surge como um processo narrativo da cultura, dada a exposição dos conteúdos simbólicos representativos à nação, através dos mecanismos de interação e comunicação social, e cujo efeito baseia-se no reconhecimento dos sujeitos tanto como “membros de tal comunidade imaginada, quanto como sujeitos que se identificam perante aos demais como compartilhadores da mesma narrativa” (HALL, 2011, p. 52). Outra estratégia discursiva consiste na ênfase das origens e/ou tradições como propriedades

imutáveis, àquilo que prontamente permanece unificado e contínuo apesar das adversidades relacionadas ao tempo e ao espaço.

Com isso, ao analisar o festejo (todo sistêmico organizado), é possível identificar, em sua estrutura, teia ou feixe de hábitos, os padrões de conduta, interação e relações entre os elementos da coletividade que expressam significados compartilhados. Assim, o exemplo do reisado, como prática do catolicismo popular, indica a tendência de que existem "mecanismos de doutrinação" (reprodutores de hábitos coletivos) cujo objetivo é introduzir e manter vivo, na memória (e de modo a estabelecer disposições comportamentais), os eventos bíblicos, os princípios, os valores e os costumes da religião, para que, assim, o sujeito-cristão possa reproduzir esses "dogmas" em seu cotidiano, e perpassa-los para as próximas gerações.

É posta, também, a questão da "*invenção da tradição*", no sentido que, estas tradições, perante ao seu teor antigo, nas comunidades imaginadas, geralmente, são produções recentes. Todas as práticas e saberes simbólicos, nas tradições inventadas, salienta o autor, são instituídas como reprodutoras de valores e comportamentos de um passado histórico adequado à um contexto presente.

Numerosos são os traços que apontam o processo da "*invenção da tradição*" na estrutura do reisado: a sua relação com as diferentes tipologias, a retirada e a complementação de novos personagens, a criação de entremeios, as variâncias das músicas, a composição dos figurinos, etc. São aspectos que torna o reisado uma manifestação inventada (imaginativamente concebida antes da entrada do comportamento habitual do grupo em ação).

Ainda sobre o exemplo de narrativa da cultura nacional, Stuart Hall vê no "*mito fundacional*" uma possibilidade de se entender como é imaginada a nação moderna. Os "*mitos fundacionais*" são histórias fundadas no passado como origem representativa à nação, isto é, recorrem-se as "origens místicas" para atribuir um sentido ou significado de nação como caráter contínuo, uma extensão que se conserva. Essa ideia, embora nos remeta ao sentimento de pertencimento, uma origem comum que reconhece e une indivíduos de uma determinada coletividade, por outro lado, possui uma pretensão homogeneizadora de valer não só para si, mas também para todos (e isso é, de fato, um problema, já que tende a desconsiderar a concepção segundo a qual a forma pela qual um cultura ou grupo se estrutura (em termos de princípios, valores e comportamento) constitui apenas uma forma possível entre múltiplas outras formas igualmente possíveis). Assim, por exemplo, a pretensão homogeneizadora resulta e implica padronização da língua, do ensino educacional, de hábitos quotidianos e assim por diante. Com isso, a cultura nacional também é (ou não deixa de ser) uma estrutura de relação de poder.

É nesta linha que o Brasil, nos idos do século XX, a partir do governo de Getúlio Vargas, torna relevante o sentimento nacionalista de atribuir sentido à nação e ao seu povo, assim, marcando o início da elaboração dos primeiros projetos de construção da identidade brasileira. Esse processo envolveu tanto a criação de instrumentos institucionais de incentivos a cultura, quanto o desenvolvimento de trabalhos literários de intelectuais nacionais – como Gilberto Freyre – e outros conteúdos de cunho artístico.

Todavia, este capítulo pretende investigar a emergência de uma identidade cultural perante uma postura paralela e, de certo modo, em oposição àquela que surgia no contexto nacional brasileiro: a identidade regionalista. A identidade cultural que particularmente aqui trabalhamos é a identidade nordestina (em especial, a identidade cearense do Reisado).

Mas retornemos a ideia de identidades nacionais como “*comunidades imaginadas*”. A cultura nacional-brasileira, também, se estrutura e é organizada como uma “*comunidade imaginada*”. Do mesmo modo, a identidade regionalista/nordestina desenha-se como uma produção ficcional, uma elaboração imagística que se instalou, forçadamente, num fato, num dado. Assim como a identidade do Reisado, anterior a produção dos comportamentos que conferem forma à passagem do folguedo, é imaginada e pensada à luz (e em benefício) de, em especial, propósitos religiosos (e/ou políticos) ligados à conservação da consciência e modo de vida dos cristãos.

Ao longo da história, o Nordeste tem assumido várias feições. Para Durval M. de Albuquerque Júnior, em seu livro “A Invenção do Nordeste e Outras Artes (2012)”, o Nordeste, no imaginário do país, surge como uma região da “*saudade e da tradição*” no início do século XX, cujo resultado é dado pela nova divisão regional do Brasil que antes era repartido entre Norte e Sul e agora levava também em consideração a concentração agropecuária. Segundo Albuquerque Júnior, o Nordeste é uma invenção imagético-discursiva de uma elite intelectual ameaçada que visava, através da literatura, da música, do teatro, da pintura etc, se legitimar. Torna-se aí, então, a identidade como projeto ideológico de bases culturais e sociais:

O nordeste surge como reação às estratégias da nacionalização que esse dispositivo da nacionalidade e essa formação discursiva nacional-popular põem em funcionamento [...]. Lança-se mão de *topos*, de símbolos [os religiosos foram aqui destacados no âmbito do reisado], de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não dominada por eles: a nação (ALBURQUEQUE JR. 2012. Pag. 67).

No Brasil, enquanto o objetivo era atribuir uma identidade nacional como conteúdo unificador, no Nordeste, o foco era destacar as suas especificidades (festivas, religiosas, por

exemplo) como diferencial que contrastasse em relação às outras regiões, principalmente, o Sul.

Assumimos e defendemos, neste trabalho, a hipótese segundo a qual as práticas do reisado como expoente da identidade do povo cearense, sobretudo do povo nordestino sob o efeito da cultura popular regionalista, é possível porque tal identidade localiza-se num espaço fundado na “*saudade e na tradição*”. (um apelo a um passado primordial que funda os princípios e valores que estão na base do comportamento coletivo). Uma região que recorre ao enaltecimento das características culturais, dos símbolos, das especificidades para se firmar num meio ameaçado. Tal firmamento funciona como hábitos “[...] garantidores da identidade, da semelhança, da homogeneidade do espaço e da fixação deste olhar e desse falar “nordestino” e sobre o Nordeste” (ALBURQUEQUE JR. 2012). Ou seja, no Nordeste, especialmente, como em nenhuma outra região do Brasil, o fenômeno da identidade cultural seria expressão de uma cultura no âmbito da qual o passado, a todo instante, constitui uma memória presente.

Mas por que o reisado – que tem grupos espalhados por quase todo o território brasileiro – é tão influente e se expressa com tanta intensidade, sobretudo no Nordeste, onde se tornou mais frequente? O que torna o reisado um exemplo folclórico típico nordestino? Além do brevemente acima exposto, a resposta mais precisa (ainda que provisória) a essas questões é o que devemos continuar investigando no futuro, em Projeto de Iniciação Científica ainda em curso. Além disso, pretendemos investigar uma dimensão silenciada do Reisado, a saber, a incorporação, no folguedo, de elementos característicos ou provenientes da cultura de matriz africana.

Considerações Finais

Neste trabalho, empreendemos uma análise do fenômeno do Reisado Cearense. Tal análise possui natureza dupla. É, ao mesmo tempo, descritiva e fenomenológica, apontando para a dinâmica de expressão do festejo e, também, conceitual, apontando para a estrutura habitual do festejo à luz da base teórica conferida por autores como Peirce, Bourdieu e de escolas como a Teoria Geral dos Sistemas. O Reisado Cearense constitui manifestação do cortejo que representa homenagem ao nascimento de Jesus Cristo e engloba elementos artísticos, sagrados, culturais e religiosos. Argumentamos que o Reisado possui uma identidade que emerge de hábitos coletivos adquiridos e reforçados ao longo dos anos via tradição. Essa identidade, também, varia de grupo para grupo, mas os traços de identidade mais estáveis (que não variaria de grupo para grupo) seriam o mito de origem e o cunho religioso, que absorve influências das religiões africanas (influências em geral deconsideradas), indígenas e cristã (sobretudo).

O que motivou nossa pesquisa foi a beleza dessa manifestação cultural, além da nossa vivência, em comunidade, do fenômeno do Reisado. Nesse sentido, o que buscamos, pois, nesse trabalho, foi justamente enquadrar, por assim dizer, tal manifestação em uma estrutura teórica que nos permitiu (acreditamos) compreender, analiticamente, tal manifestação popular. Para o futuro, desejamos aprofundar o entendimento dos diversos hábitos coletivos que caracterizam grupos de reisado outros que não aqueles que abordamos. Procuraremos, além disso, investigar as diversas influências absorvidas pelo reisado (como, em especial, a africana), em geral silenciadas pela concepção amplamente predominante segundo a qual o reisado possui natureza e origem essencialmente europeia, ligada a uma matriz cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN; Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2012.

ANDRADE, M. *Danças dramáticas do Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia/INL/Pró-memória, 1982.

ANDRADE, R.S.C. *Sistêmica, Hábitos e Auto-organização*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH-UNICAMP, 2011.

ARAÚJO, A. M. *Folclore nacional: dança, recreação, música*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

ASHBY, W.R. Principles of the self-organizing system. In: VON FOERSTER, H., ZOPF, G.W (Orgs.). *Principles of the self-organization*. London: Pergamon Press, 1962.

ARAÚJO, A. M. *Folclore nacional: dança, recreação, música*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

BARROSO, O. *Reisado: Um Patrimônio da Humanidade*. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

_____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007

_____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BRESCIANI, F, E.; D’OTTAVIANO, I. M.L. Conceitos básicos de sistêmica. In: D’OTTAVIANO I. M. L.; GONZALEZ, M. E. Q. (orgs). *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, 2000, Coleção CLE, v.30, p. 283-306.

DEBRUN, M. A idéia de auto-organização. In: DEBRUN, M.; GONZALEZ, M. E. Q.; PESSOA JR., O. (orgs.) *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, 1996, Coleção CLE, v. 18, p. 03-24.

CANCLINI, N. G. *As Culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ELIADE, M. *Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. 1.ed. Rio de Janeiro: LT, 2011.

GONZALEZ, M. E. Q.; HASELAGER, W. F. G. *Raciocínio abduutivo, criatividade e auto-organização*. São Paulo: Centro de Estudos do Pragmatismo, Filosofia, PUC, *Cognitio*, 2002, V.3, 22-31.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSAWM, E; TERENCE, R. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

NUNES, C. *Reisado Cearense: uma proposta para o Ensino das Africanidades*. Fortaleza: Conhecimento Editora, 2011.

PASSARELLI, U. *Tipologia dos reisados brasileiros: estudo preliminar*. Disponível em: www.csr.xpg.com.br/tipologia.doc. Acesso em Abril/2014.

Pré-socráticos. *Seleção de textos*. Trad. José Cavalcante de Souza e outros. São Paulo: Nova Cultura, 2000. - (Col. Os Pensadores)

PEIRCE, C. S. *Collected Papers* – : 8 vol. org. Harttshorne, c; Weiss, Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1958.

SERAINE, F. *Folclore brasileiro: Ceará*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

SETTON, M. *A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Revista Brasileira de Educação, nº 20, maio/jun/Jul/ago, 2002.